



Acta Scientiarum. Language and Culture
ISSN: 1983-4675
eduem@uem.br
Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Saraiva Schröder, Karina
Unidade de efeito pela organização argumentativa em blocos semânticos
Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 31, n.º 2, 2009, pp. 189-194
Universidade Estadual de Maringá
.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426642005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

Unidade de efeito pela organização argumentativa em blocos semânticos

Karina Saraiva Schröder

Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Av. Ipiranga, 6681, 90619-900, Partenon, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: schroderkarina@gmail.com

RESUMO. Este artigo pretende mostrar a relação enunciativo-argumentativa do locutor com seu dizer. O estudo insere-se no quadro teórico da Argumentação na Língua, desenvolvido por Ducrot e colaboradores, o qual postula que o sentido está na língua e é argumentativo. Ao aplicar os conceitos de polifonia e blocos semânticos – forma atual da teoria – a um conto de Edgar Allan Poe, buscamos verificar, metodologicamente, como a organização argumentativa em blocos semânticos orienta o interlocutor à unidade de sentido.

Palavras-chave: teoria da argumentação na língua, polifonia, Edgar Allan Poe.

ABSTRACT. Unity effect through the argumentative organization in semantic blocks. The purpose of this paper is to demonstrate the argumentative relation a speaker holds with his saying. This is done within the framework of Theory of Argumentation within Language developed by Ducrot and collaborators, which postulates that meaning is in the language and that it is argumentative. By applying the concepts of polyphony and semantic blocks – the current stage of the theory – to a short story by Edgar Allan Poe, we intend to verify in what way the argumentative organization in semantic blocks guides the reader to a unity of meaning.

Key words: theory of argumentation within language, polyphony, Edgar Allan Poe.

Introdução

Edgar Allan Poe, escritor, poeta, editor e crítico literário norte-americano, é considerado um dos primeiros grandes escritores a pensar sobre a teoria de composição e a elaborar um conjunto de princípios que deveriam ser observados ao escrever ficção e poesia. Seu princípio mais básico é o da ‘unidade de efeito’, isto é, o escritor deve calculadamente construir seu texto com o objetivo de criar um único e total efeito psicológico/ emocional no leitor. Sobre a teoria do conto de Poe escreve Charles Kiefer:

[Segundo Poe], ‘no conto breve, [...], o autor pode levar a cabo a totalidade de sua intenção, seja qual for’. [...] Não se deve – preceitua ele – amoldar as idéias para acomodar os incidentes, mas, depois de ter concebido um ‘efeito único e singular’, criar os incidentes. Além disso, devem-se combinar tais incidentes de forma a melhor estabelecer o efeito pré-concebido. [...] [C]omo ele afirma, ‘se a primeira frase não se direciona ao resultado deste efeito, ele já fracassou em seu primeiro passo. Em toda a composição, não deve haver uma palavra escrita cuja tendência, direta ou indireta, não leve àquele único plano pré-estabelecido’ (KIEFER, 2004, p. 19-20).

A ideia de que toda a composição de enunciados em um conto deva conduzir, direta ou

indiretamente, ao plano pré-estabelecido, ao efeito de sentido pré-concebido parece coincidir com a noção de Ducrot (1988, p. 14) de que o “sentido de um enunciado é fazer possível um discurso argumentativo: as coisas aparecem nele não mais que como o suporte ou a ocasião de nossas argumentações”.

Na Teoria da Argumentação na Língua (TAL), que tem em Ducrot seu criador, a argumentação está inscrita na própria língua. O sentido de uma palavra é simplesmente um meio de previsão do efeito de sentido; e o efeito de sentido de uma palavra, por sua vez, não é o sentido que ela toma num contexto, ou as modificações que lhe traz o contexto, mas ao contrário, é a mudança produzida nesse contexto pela introdução desta palavra (DUCROT, 1987). A TAL entende a língua como sendo essencialmente argumentativa, e o sentido como sendo construído no encadeamento discursivo.

Partindo do pressuposto de que um texto/discurso é uma unidade semântico-argumentativa e que seu sentido é gerado a partir do encadeamento de enunciados, a intenção deste trabalho é aplicar conceitos da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), atual forma da TAL, e da

polifonia, para verificar como Poe articula as entidades linguísticas para argumentar, fazer a história progredir e imprimir no leitor uma unidade de sentido que contribui para alcançar a unidade total de efeito. O conto escolhido foi *O coração delator*, e sua escolha deveu-se ao fato de ser considerado por muitos o conto em que mais perfeitamente se pode perceber a construção da unidade de efeito.

A teoria argumentativa na língua

A Teoria Argumentativa na Língua (TAL) é uma teoria estruturalista, que se embasa na noção saussuriana de língua como um sistema de signos que se definem na sua relação recíproca. E é enunciativa no sentido de que prevê um sujeito que se apropria do sistema da língua e a põe em funcionamento.

Para Ducrot (1988), a linguagem não descreve a realidade, tampouco tem ela caráter informativo. O autor propõe que as palavras têm um valor argumentativo, ou seja, elas dão uma orientação, um sentido ao discurso, possibilitando algumas argumentações e não outras. Daí o pressuposto básico da teoria: o de que a argumentação está na língua.

Para definir o ‘discurso’ como uma sucessão de enunciados, é preciso observar a oposição que Ducrot (1988) faz entre ‘frase’ e ‘enunciado’. A ‘frase’ é uma entidade teórica, abstrata, pertencente à estrutura da língua. O ‘enunciado’, ao contrário, é uma realidade empírica, observável, uma realização possível da frase. O enunciado, por ser uma manifestação particular de uma frase, possui sentido único, enquanto a frase possui significação de caráter mais abrangente, generalizador. O sentido de uma entidade linguística é constituído por certos discursos que ela evoca – os encadeamentos argumentativos – e tem caráter polifônico.

A polifonia

A noção de polifonia em Ducrot (1988) fundamenta-se no pressuposto de que o sentido de um enunciado é constituído de diversas vozes, pela superposição e confrontação de vários discursos ou enunciadores que são a origem dos diversos pontos de vista ali presentes.

Há no enunciado vários sujeitos com funções diferentes. O sujeito empírico (SE) é o autor do enunciado, responsável por sua realização física, e sua determinação não interessa à descrição linguística, que deve preocupar-se com o que está no enunciado e não com as condições alheias a sua

produção. O locutor (L) é o suposto responsável, a quem se atribui a responsabilidade do sentido construído no enunciado. Ele se mostra na enunciação com marcas de pessoa, tempo e espaço. O Enunciador (E) é a fonte dos diferentes pontos de vista apresentados pelo locutor no enunciado.

Além da apresentação dos pontos de vista, faz parte do sentido do enunciado a indicação da posição do locutor em relação aos enunciadores ali apresentados (DUCROT; CAREL, 2008, p. 7). Ele pode assumir um E, o que pode ser observado em asserções como “a doença exacerbou meus sentidos”, retirada do conto analisado, em que o locutor quer fazer admitir o ponto de vista de que de fato a doença apurou seus sentidos. Outra possível atitude do locutor é a de concordância com um enunciador, mesmo que o enunciado não tenha o objetivo de fazer admitir tal ponto de vista. Como os autores afirmam (DUCROT; CAREL, 2008), concordar com um enunciador significa proibir(-se) contestar esse ponto de vista. Uma terceira possível atitude do locutor é a de oposição a um enunciador. Ducrot agrupa a assimilação de um enunciador a seres determinados ou indeterminados como um elemento na análise do sentido.

Blocos semânticos

Na forma atual da TAL, proposta por Marion Carel em 1992, a argumentação se dá a partir do encadeamento de segmentos no enunciado (encadeamento argumentativo que tem como fórmula geral X CON Y) em que os segmentos S1 e S2 são interdependentes e exprimem, ambos, uma só coisa, formando um bloco semântico (CAREL, 2002). O encadeamento argumentativo é a unidade de sentido. Quando o encadeamento ocorre pelo conector ‘portanto’ – em francês *donc*, abreviado por DC –, diz-se que é normativo; quando ocorre pelo conector ‘no entanto’ – *pourtant* em francês, abreviado por PT –, é chamado de transgressivo.

Dado um encadeamento argumentativo X CON Y, A e B são os segmentos contidos em X e Y respectivamente, que, acompanhados ou não de expressão de valor negativo, são pertinentes para a conexão em DC ou PT estabelecida pelo encadeamento (CAREL; DUCROT, 2005).

A partir de A e B podem-se construir oito conjuntos de encadeamentos, chamados aspectos argumentativos, que se agrupam em dois blocos de quatro aspectos cada um. A relação entre A e B é a mesma dentro dos quatro aspectos de um mesmo bloco. Para formalizar a noção de bloco semântico, a TBS introduz o quadrado argumentativo. Os quatro aspectos em cada bloco estabelecem entre si relações

de conversão, reciprocidade e transposição, conforme apresentam as Figuras 1 e 2.

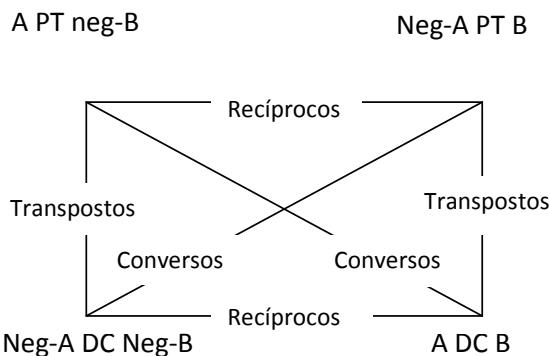


Figura 1. Aspectos recíprocos, transpostos e conversos de cada encadeamento argumentativo do Bloco Semântico 1.

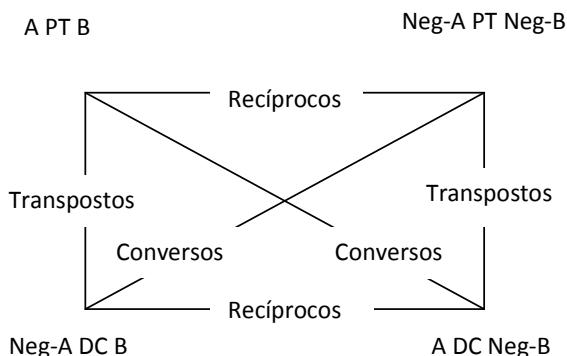


Figura 2. Aspectos recíprocos, transpostos e conversos de cada encadeamento argumentativo do Bloco Semântico 2.

Na organização do bloco semântico de uma entidade lexical X, um aspecto DC ou PT pode ser ligado a essa entidade de modo externo ou interno. A argumentação externa (AE) deriva da própria expressão, como é o caso de ‘nervoso’ em:

É verdade! Nervoso, muito, muito nervoso mesmo eu estive e estou, mas por que você vai dizer que estou louco?

Seu encadeamento pode ser expresso pelo aspecto transgressivo: ‘nervoso PT neg-louco’¹. É possível verificar nesse trecho outras noções já mencionadas: há um enunciador que diz ‘nervoso DC louco’, assimilado ao interlocutor do narrador, que, no entanto, recusa-o.

A argumentação interna (AI) é uma paráfrase da expressão, o que comprova a hipótese de que a argumentação está na língua. No caso de ‘nervoso’, o léxico pode ser parafraseado pelo encadeamento ‘agitação mental DC perda do juízo’. À semelhança das entidades lexicais, os enunciados também possuem AI,

que são descritas como argumentações condensadas no próprio interior dos enunciados simples (CAREL, 2002). No trecho salientado acima, a argumentação condensada pode ser expressa por: ‘estive e estou muito nervoso PT não estou louco’.

No presente trabalho, o texto/discozo será tomado como uma unidade semântico-argumentativa em que os encadeamentos argumentativos que o compõem são interdependentes e cuja relação, orientada pelo uso de conectores DC e PT, engendra o sentido, unidade semântica.

Análise e discussão

O tema do conto é a loucura, conforme indicado no trecho de abertura do conto já analisado acima. A história é dirigida pela insistência do narrador em sua sanidade. Ele justifica sua sanidade falando-nos de seus sentidos superdotados, da precisão e cuidado de suas ações, além de salientar a calma que ele tem ao relatar os seus atos, e tenta, assim, dar explicações racionais para um ato irracional – ele chega a dizer que não havia motivo para matar o velho. À medida que a história corre, ele vai denunciando-se completamente louco. O objetivo deste trabalho é verificar de que maneira o narrador se denuncia louco, embora ele insista que não o seja. Observemos o trecho inicial do conto:

(1) É verdade! Nervoso, muito, muito nervoso mesmo eu estive e estou; mas por que você ‘vai’ dizer que estou louco? (2) A doença exacerbou meus sentidos, não os destruiu, não os embotou. (3) Mais que os outros estava aguçado o sentido da audição. Ouvi todas as coisas no céu e na terra. Ouvi muitas coisas no inferno. Como então posso estar louco? Preste atenção! E observe com que sanidade, com que calma, posso lhe contar toda a história (POE, 2007, p. 196).

Como já visto, o encadeamento do enunciado (1) poderia ser expresso pelo aspecto transgressivo: ‘nervoso PT neg-louco’, em que ‘mas’ permite a identificação de um enunciador que diz ‘nervoso DC louco’, que é seu aspecto converso, assimilado ao interlocutor do narrador, que, no entanto, recusa-o. Entretanto, o enunciado (2) parece situar o léxico ‘nervoso’ em outro bloco semântico. Na inter-relação dos enunciados (1) e (2), o narrador de fato diz que estar nervoso é uma doença (nervosismo DC doença), mas que essa doença, ao invés de destruir seus sentidos, aguçou-os. Temos, portanto, o seguinte encadeamento:

¹ Ducrot e Carel (2008, p. 13) consideram ‘a interrogação como uma forma fraca de negação’.

Doença DC sentidos apurados

Por polifonia, ao dizer que a doença não havia destruído seus sentidos, identificamos um enunciador, assimilado ao interlocutor (ou ainda a um grupo indeterminado, cujo senso comum é compartilhado pelo interlocutor), que afirma:

Doença DC sentidos prejudicados

Dessa maneira, compreendemos que doença tem, para o narrador, um sentido diverso daquele de seu interlocutor. São dois blocos semânticos distintos: o primeiro adotado pelo narrador; o segundo atribuído ao interlocutor. E se ‘doença’ se apresenta em blocos semânticos distintos, assim também o é com ‘nervoso’. Salientamos que o narrador justifica sua não-loucura argumentando que seus sentidos estão apurados (sentidos apurados DC neg-louco). A construção do sentido desse trecho pela relação interdependente entre os enunciados (1) e (2) é:

- a) nervosismo DC doença
- b) doença DC sentidos apurados
- c) sentidos apurados DC neg-loucura
- portanto
- d) nervoso DC neg louco

Por polifonia, a construção de um outro sentido, situado em outro bloco, é assimilada ao interlocutor.

- a) nervosismo DC doença
- b) doença DC sentidos prejudicados
- c) sentidos prejudicados DC loucura
- portanto
- d) nervoso DC louco

O enunciado (3) restringe o sentido de ‘sentidos apurados’ para um especificamente, o da audição. A AI desse trecho pode ser demonstrada por

Audição apurada DC neg-estar louco

Ao perguntar ao seu interlocutor ‘como, então, estou louco?’, um enunciador que diz ‘audição apurada DC louco’ é evocado. A relação entre ‘audição apurada e loucura’ é diferente nos dois encadeamentos, sendo cada encadeamento um aspecto de blocos distintos: o primeiro assumido pelo narrador; o segundo atribuído ao interlocutor. No bloco de onde fala o narrador, audição apurada é um privilégio, um sinal de que todos os seus sentidos e, portanto, sua razão, estão intactos. No bloco do interlocutor, audição apurada significa ouvir mais do que a realidade permite, o que é um sinal de demência.

No trecho seguinte, o narrador argumenta dentro do mesmo bloco semântico de seu interlocutor:

É impossível saber como a idéia penetrou pela primeira vez no meu cérebro, mas, uma vez concebida, ela me atormentou dia e noite. (4) Objetivo não havia. Paixão não havia. Eu gostava do velho. Ele nunca me fez mal. Ele nunca me insultou. Seu ouro eu não desejava. (5) Acho que era seu olho! É, era isso! Um de seus olhos parecia o de um abutre – um olho azul claro coberto por um véu. Sempre que caía sobre mim o meu sangue gelava, e então pouco a pouco, bem devagar, tomei a decisão de tirar a vida do velho, e com isso me livrar do olho, para sempre (POE, 2007, p. 196).

Primeiramente, o narrador diz que seu desejo de matar o velho é imotivado. Ao usar a negativa, ele evoca enunciadores que dizem que é preciso algum tipo de motivo, seja ódio, vingança ou cobiça para matar (ter motivo DC matar), construindo o encadeamento ‘neg-ter motivo PT matar’, que é o aspecto transposto do evocado pela negativa. No enunciado (5), entretanto, o narrador diz ter um motivo, o olho de abutre do velho, dessa forma assumindo o aspecto normativo acima mencionado. Tal deslizamento argumentativo pode demonstrar sua dúvida quanto a um real objetivo em matar o velho e talvez sua confusão mental.

No trecho seguinte, os enunciados numerados de (6) a (10) criam, interdependentemente, um sentido circular.

Agora esse é o ponto. (6) O senhor acha que sou louco. Homens loucos de nada sabem. (7) Mas deveria ter-me visto. Deveria ter visto com que sensatez eu agi – com que precaução –, com que prudência, com que dissimulação, pus mãos à obra! (8) Nunca fui tão gentil com o velho como durante toda a semana antes de matá-lo. E todas as noites, por volta de meia-noite, eu girava o trinco da sua porta e a abria, ah, com tanta delicadeza! E então, quando tinha conseguido uma abertura suficiente para minha cabeça, punha lá dentro uma lanterna furta-fogo bem fechada, fechada para que nenhuma luz brilhasse, e então eu passava a cabeça. Ah! o senhor teria rido se visse com que (9) habilidade eu a passava. Eu a movia devagar, muito, muito devagar, para não perturbar o sono do velho. Levava uma hora para passar a cabeça toda pela abertura, o mais à frente possível, para que pudesse vê-lo deitado em sua cama. (10) Aha! Teria um louco sido assim tão esperto? E então, quando minha cabeça estava bem dentro do quarto, eu abria a lanterna com cuidado – ah!, com tanto cuidado! –, com cuidado (porque a dobradiça rangia), eu a abria só o suficiente para que um raiozinho fino de luz caísse sobre o olho do abutre. E fiz isso por sete longas noites, todas as

noites à meia-noite em ponto, mas eu sempre encontrava o olho fechado, e então era impossível fazer o trabalho, porque não era o velho que me exasperava, e sim seu Olho Maligno. (11) E todas as manhãs, quando o dia raiava, eu entrava corajosamente no quarto e falava com ele cheio de coragem, chamando-o pelo nome em tom cordial e perguntando como tinha passado a noite. Então, o senhor vê que ele teria que ter sido, na verdade, um velho muito astuto, para suspeitar que todas as noites, à meia-noite em ponto, eu o observava enquanto dormia (POE, 2007, p. 196-197).

- (6) Loucura DC neg-sabedoria
- (7) e (9) sabedoria e astúcia DC prudência e dissimulação
- (7) e (8) prudência e dissimulação DC gentilezas
- (9) e (10) sabedoria e astúcia DC neg-loucura

O enunciado (11) diz que, por conta das gentilezas do narrador, o velho jamais suspeitaria que aquele o quisesse matar. Por polifonia, identificamos um enunciador que diz ‘gentilezas DC neg-morte’, mas esse aspecto argumentativo pertence a outro bloco semântico, não compartilhado pelo narrador: para ele, a gentileza é um meio de chegar à morte do velho (gentilezas DC morte). Parece ser exatamente por esse enunciador pertencente a outro bloco semântico, supostamente ao bloco semântico do interlocutor, que o leitor interpreta que gentileza e morte são contrassenso (ao evocar seu aspecto converso gentilezas PT morte), fazendo que interpretemos que matar o velho é um ato irracional.

No próximo trecho, o sentido do enunciado (3) é ratificado.

E agora, eu não lhe disse que aquilo que o senhor tomou por loucura não passava de hiperagudeza dos sentidos? Agora, repito, chegou a meus ouvidos um ruído baixo, surdo e rápido, algo como faz um relógio quando envolto em algodão. Eu também conhecia bem aquele som. Eram as batidas do coração do velho. Aquilo aumentou a minha fúria, como o bater do tambor instiga a coragem do soldado.

O encadeamento do trecho acima é:

Ouvir o coração do velho DC ter sentido de audição apurado.

Ao dizer que o interlocutor toma erroneamente tal habilidade por loucura, evoca-se um enunciador que diz:

Ouvir o coração do velho DC ser louco.

Percebe-se novamente que os sentidos de ‘ouvir

o coração do velho’ divergem, sendo eles pertencentes a blocos semânticos distintos.

O narrador se enfurece com o bater do coração do velho e decide que sua hora chegou. Após matá-lo brutalmente, ele desmembra o velho e esconde seus pedaços sob o assoalho. Um vizinho que ouvira um grito chama a polícia que agora bate à porta. Com a certeza de que toda a cautela havia sido tomada na execução do assassinato, é com o coração leve – e com orgulho do trabalho bem feito – que nosso narrador abre a porta e convida a polícia a descansar no quarto onde está escondido o corpo do velho. Sua superaudição, entretanto, o trai. De sob o assoalho, ele pode escutar o coração do velho batendo e, convencido de que seria impossível que a polícia não escutasse, se entrega e revela o corpo.

A partir desta análise pela Teoria dos Blocos Semânticos, reunindo os encadeamentos encontrados nos trechos analisados, podemos mostrar como a argumentação foi construída (Tabela 1):

Tabela 1. Encadeamentos argumentativos.

Narrador	Interlocutor / Outros
(a) nervosismo DC doença	(a) nervosismo DC doença
(b) doença DC sentidos apurados	(b) doença DC sentidos
(c) sentidos apurados DC neg-loucura	prejudicados
portanto	(c) sentidos prejudicados DC loucura
(d) nervoso DC neg louco	portanto
(e) audição apurada DC neg-estar louco	(d) nervoso DC louco
(f) neg-ter motivo PT matar	(e) audição apurada DC louco
(g) ter motivo DC matar	(f) ter motivo DC matar
(h) loucura DC neg-sabedoria	
(i) sabedoria e astúcia DC cuidado e dissimulação	
(j) cuidado e dissimulação DC gentilezas	
(k) sabedoria e astúcia DC neg-loucura	
(l) gentilezas DC neg-morte	(g) gentilezas DC neg-morte
	(h) gentilezas PT morte
	(ato irracional / loucura?)
(m) ouvir o coração do velho DC ter sentido de audição apurado	(i) ouvir o coração do velho DC ser louco

Verificamos que grande parte da argumentação do narrador evoca enunciadores que o contrapõem, situados em outro bloco semântico, e que argumentam para a sua loucura; permitem, assim, que o leitor interprete que não apenas sua audição o delatou, mas também suas próprias palavras.

Considerações finais

O presente trabalho foi uma tentativa de conciliar linguística e literatura. Buscamos demonstrar como, a partir de encadeamentos

argumentativos, o locutor/narrador se inscreve na língua e engendra o sentido pretendido. Verificamos que a organização argumentativa do locutor dirige seu interlocutor a interpretar sua loucura. De forma alguma este foi um trabalho exaustivo. O texto escolhido apresenta diversas indeterminâncias e vaguidades que demandam um estudo de maior fôlego. Além de um estudo mais pontual do léxico utilizado, seria interessante pesquisar de que forma as metáforas, símiles e hipérboles, bem como as repetições e circularidades contribuem para gerar o sentido global do discurso.

Referências

- CAREL, M. Argumentação interna aos enunciados. **Letras de Hoje**, v. 37, n. 3, p. 27-43, 2002.
- CAREL, M.; DUCROT, O. **La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos**. Tradução e organização María Marta García Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- DUCROT, O. **Polifonía y argumentación**. Cali: Universidad Del Valle, 1988.
- DUCROT, O.; CAREL, M. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. **Letras de Hoje**, v. 43, n. 1, p. 7-18, 2008.
- KIEFER, C. **A poética do conto**. Porto Alegre: Nova Prova, 2004.
- POE, E. A. O coração delator. In: COSTA, F. M. (Org.). **Os melhores contos de loucura**. Tradução de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007. p. 195-200.

Received on March 12, 2009.

Accepted on April 23, 2009.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.